

NEGÓCIOS DA CHINA

FLÁVIO TAVARES
Jornalista e escritor



Por que eles foram adiante e nós permanecemos estáticos, em berço esplêndido? – pergunto-me, agora, ao observar em Brasília o primeiro-ministro da China, Li Keqiang, comprometendo-se a transferir ao Brasil bilionários empréstimos e financiamentos, além de ajuda tecnológica.

Penso nos 53 bilhões de dólares oferecidos e recorde os três meses em que percorri a China em 1954. No quinto ano do triunfo da revolução comunista, os chineses viviam em pobreza digna. Sem máquinas, venciam a fome de séculos. Tudo era artesanal, mas todos trabalhavam. Homens e mulheres vestiam-se iguais, “elegantemente em azul”, sintetizava Vinícius de Moraes. Dois trajes ao ano, um de verão, um de inverno. Nas escolas e universidades, a não ostentação fazia crescer a ânsia de aprender e criar. Raros automóveis e milhões de bicicletas. Em Beijing e Xangai, os antigos marginais se reeducavam nas ruas, guiando bicicletas-táxi, derradeiro vestígio do país feudal.

No campo, vi milhares de homens e mulheres em fila passando milhões de regadores, um a outro, para irrigar cultivos com água do rio distante. Usavam a mão de obra abundante: eram 600 milhões.

Naquele 1954, ano do suicídio de Getúlio Vargas, éramos 59 milhões de brasileiros.

Nosso minério de ferro vira aço na China e volta com preço inferior ao do produzido aqui

Hoje, somos 200 milhões e eles quase 1 bilhão e 400 milhões. (Às 9h de 22/5/2015, o relógio populacional, em Beijing, media 1 bilhão 386 milhões 496 mil e 211 habitantes.)

A China tem terras pobres e desertos ventosos. Parte do país é área de terremotos. Nós temos terra fértil, grandes rios, flores e rico subsolo. Nosso minério de ferro vai para a China, lá vira aço e volta com preço inferior ao do produzido aqui.

Em 1954, éramos mais “adiantados”, com carros e lojas elegantes. No inverno, até no Rio as mulheres vestiam casaco de

pele. Com profundos contrastes, aqui começava o consumo, que se expandiu e chegou ao que hoje é. A China pobre pesquisava em busca de independência tecnológica. O governo nacionalizou as indústrias, mas deixou na direção os antigos proprietários. Depois, o rompimento com o comunismo russo isolou ainda mais a China, que se sobrepôs ao bloqueio militar e comercial dos EUA e chegou a caminhos próprios.

A cultura milenar os amparou. Do carrinho de mão à bomba-d’água, a vida moderna tem seus primórdios na China. A disciplina venceu e a pobreza virou riqueza.

Há 50 anos, nossas lojas já somavam 3 e 3 com máquinas registradoras. Na China, até hoje somam tudo no ábaco, em segundos, dedilhando bolinhas de um lado a outro, numa caixa-nha. Assim, se obrigam a raciocinar, não são robôs. E aí está a explicação das diferenças. Eles criam; nós copiamos.

Conto da China sem ser adepto do sistema político-econômico desse bizarro “comunismo capitalista”, viável na cultura de lá e inviável e absurdo entre nós. Mas lhes admiro a contração ao trabalho, a disciplina social, o combate ao crime e a honradez dos governantes. Isto fez da China uma potência.

Por isto, o coronel Vernon Walters, que organizou o golpe de Estado de 1964, afirmava ao governo do seu país que, a continuar a pregação de Brizola durante o governo João Goulart, o Brasil seria “uma China no continente”, junto aos narizes de Washington.

Em vez disso, sem capacidade de criar, hoje dependemos dos negócios da China rica.

P.S. – Em carta, a delegada sindical dos Fiscais Federais Agropecuários, Consuelo Paixão Cortes, assegura que, ao contrário do divulgado, nenhum fiscal integra o bando de adulteradores de leite desbaratado no Estado.

Por sua vez, o fiscal Carlos Soto Vidal esclarece que o fiscal preso e quatro inspetores sanitários afastados extorquiam indústrias sem ter vínculos com a quadrilha amparada por Francisco Signor, ex-superintendente do Ministério da Agricultura.

IOTTI

iotti@zerohora.com.br

Dia do Vinho passará a ter duas semanas de celebração na Serra Gaúcha



MEMÓRIAS FEITAS COM SANGUE

DIANA LICHTENSTEIN CORSO
dianamcorso@gmail.com
Psicanalista



O “México é um país feito por suas feridas”, escreveu Carlos Fuentes. Apesar disso, é um país que mexe com nossas fantasias de prazer, pois dele esperamos o efeito eufórico de suas cores e tequilas, das festas, da música dos mariachis, das praias e da alegria com que se combate o luto. Realizei um velho sonho e fui para lá, gostei tanto, que só penso em voltar.

Muito sangue se derramou em conflitos entre astecas, mexicas, maias, quer seja em guerras ou sacrifícios rituais, além de que os espanhóis foram conquistadores cruéis. Sem contar os lances dramáticos da independência e da Revolução Mexicana de 1910. Imperadores, conquistadores, revolucionários, políticos e artistas deixaram marcas difíceis de apagar, num povo que faz questão de lembrar.

Presenciei uma cena, no Museu de Antropologia, que pode ilustrar essa relação peculiar com a memória. O guia se esforçava para apresentar uma maquete do sítio arqueológico de Teotihuacán a um grupo de turistas, quando uma senhora de traços indígenas aproximou-se e começou a explicar a seu neto do que se tratava aquele lugar. Parecendo nem perceber a presença dos estrangeiros, fez para o pequeno, em voz alta, sua própria introdução ao tema. Por instantes, as vozes do guia e da avó duelaram, até que ela o silenciou e partiu sem dedicar sequer um olhar aos outros presentes. Aquilo era seu por direito inquestionável. Em todos os lugares históricos e museus

que visitei, partilhei a experiência com grupos de escolares que, acompanhados por seus mestres, aprendiam a história de seu próprio país.

Boa parte da população mexicana assume sua identidade asteca ou maia, assim como adota muito a sério a fé católica deixada como herança pelos espanhóis. Além disso, é onipresente a memória de políticos e líderes populares que, entre outras coisas, valorizaram a educação e a memória. É também um país que sofre com o poder do narcotráfico, inflado por um Estado apático ou conivente, enquanto milícias populares assumem o controle em periferias e povoados isolados. Carlos Fuentes fala de dois Méxicos, o do “papel dourado” e o da “terra descalça”. Entre eles, o legado da revolução popular de 1910 parece ter erguido algumas pontes, que se traduzem na atitude prepotente e ao mesmo tempo digna daquela avó. “Apesar de seus fracassos políticos, a Revolução Mexicana foi um êxito cultural. Tornou evidente a continuidade cultural do país, apesar das suas fraturas políticas”, acrescenta Fuentes. Além de toda a beleza natural e cultural daquele lugar, talvez precise voltar lá para terminar de entender como se faz para sentir que se tem um passado, uma história para reivindicar. Felizmente, o culto da memória não se afogou no rio de sangue que brotou dos altares de sacrifício e nunca deixou de correr.

Carlos Fuentes fala de dois Méxicos, o do “papel dourado” e o da “terra descalça”

Diana Corso escreve quinzenalmente neste espaço.